

UFBA | 70  **ANOS**

**PROCESSO SELETIVO
VAGAS RESIDUAIS 2016
UFBA**

29

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

**LEITURA E REDAÇÃO DE TEXTO
FILOSÓFICO**

REDAÇÃO

INSTRUÇÕES

Para a realização das provas, você recebeu este Caderno de Questões, uma Folha de Respostas para as Provas I e II e uma Folha de Resposta destinada à Redação.

1. Caderno de Questões

- Verifique se este Caderno de Questões contém as seguintes provas:
Prova I: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA — Questões de 01 a 35
Prova II: LEITURA E REDAÇÃO DE TEXTO FILOSÓFICO — Questões de 36 a 70
Prova de REDAÇÃO
- Qualquer irregularidade constatada neste Caderno de Questões deve ser imediatamente comunicada ao fiscal de sala.
- Nas Provas I e II, você encontra apenas um tipo de questão: objetiva de proposição simples. Identifique a resposta correta, marcando na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;
F, se a proposição é falsa.

ATENÇÃO: Antes de fazer a marcação, avalie cuidadosamente sua resposta.

LEMBRE-SE:

- A resposta correta vale 1 (um), isto é, você **ganha** 1 (um) ponto.
- A resposta errada vale -0,5 (*menos* meio ponto), isto é, você **não ganha** o ponto e ainda **tem descontada**, em outra questão que você acertou, essa fração do ponto.
- A ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero). Você **não ganha nem perde** nada.

2. Folha de Respostas

- A Folha de Respostas das Provas I e II e a Folha de Resposta da Redação são pré-identificadas. Confira os dados registrados nos cabeçalhos e assine-os com caneta esferográfica de **TINTA PRETA**, sem ultrapassar o espaço próprio.
- **NÃO AMASSE, NÃO DOBRE, NÃO SUJE, NÃO RASURE** ESSAS FOLHAS DE RESPOSTAS.
- Na Folha de Respostas destinada às Provas I e II, a marcação da resposta deve ser feita preenchendo-se o espaço correspondente com caneta esferográfica de **TINTA PRETA**. Não ultrapasse o espaço reservado para esse fim.

Exemplo de Marcação
na folha de Respostas

01	<input type="checkbox"/>	F
02	<input checked="" type="checkbox"/>	V
03	<input checked="" type="checkbox"/>	V
04	<input type="checkbox"/>	F
05	<input checked="" type="checkbox"/>	V

- O tempo disponível para a realização das provas e o preenchimento das Folhas de Respostas é de 4 (quatro) horas e 30 (trinta) minutos.
-

ESTAS PROVAS DEVEM SER RESPONDIDAS PELOS CANDIDATOS AO SEGUINTE CURSO:

- FILOSOFIA

PROVA I — INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

QUESTÕES de 01 a 35

INSTRUÇÃO:

Para cada questão, de **01** a **35**, marque na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;

F, se a proposição é falsa.

A resposta correta vale 1 (um ponto); a resposta errada vale -0,5 (*menos* meio ponto); a ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero).

Questão 01

O *lógos* é um tipo de discurso mítico, por meio do qual se investigam as causas metafísicas da realidade.

Questão 02

A *physis* é a realidade natural, que é objeto de investigação da Filosofia.

Questão 03

A noção de *arqué* foi fundamental para o avanço da ciência grega, pois trata da investigação das causas da realidade física.

Questão 04

Na Grécia Antiga, já havia pensamento científico, que pesquisava a causalidade na natureza.

Questão 05

Heráclito e Parmênides eram grandes defensores do mobilismo universal, segundo o qual todas as coisas estão em constante fluxo na natureza.

Questão 06

Segundo a doutrina pitagórica, o elemento básico da realidade é o número.

Questão 07

O método maiêutico é uma espécie de demonstração científica utilizada na Geometria, aplicado por Sócrates à Filosofia.

Questão 08

A teoria platônica do mundo das ideias tem por pressuposto que a verdade é alcançada através do diálogo e do consenso.

Questão 09

Platão crê na doutrina da reminiscência, segundo a qual conhecer não é descobrir algo novo, mas lembrar-se do que já se sabia.

Questão 10

Aristóteles defende a existência de quatro tipos de causa: formal, material, eficiente e final.

Questão 11

Para Aristóteles, todo acidente é necessário e toda essência é contingente.

Questão 12

Na visão aristotélica, as três ciências teóricas são a Física, a Matemática e a Filosofia primeira.

Questão 13

Estoicismo e epicurismo são doutrinas morais que defendem um fatalismo e uma aversão ao prazer sensível.

Questão 14

O ceticismo antigo caracteriza-se por uma suspensão do juízo, tendo em vista uma tranquilidade da alma.

Questão 15

O pensamento filosófico de Santo Agostinho é profundamente marcado pela noção de interioridade.

Questão 16

Santo Agostinho considera que o mal é apenas uma privação, uma ausência de realidade.

Questão 17

Tomás de Aquino concebe que a existência de Deus é matéria de fé, que não pode ser provada racionalmente.

Questão 18

Tomás de Aquino é um grande defensor da doutrina monopsiquista de Averróis.

Questão 19

Descartes era um filósofo cético, que buscava colocar em dúvida todo o edifício do conhecimento humano.

Questão 20

O filósofo Descartes utiliza o argumento do “gênio maligno” para pôr em dúvida as verdades matemáticas.

Questão 21

O argumento do cogito implica que a existência subjetiva é evidente.

Questão 22

Uma característica do empirismo, exemplificada em Francis Bacon, é a rejeição do método indutivo de ciência.

Questão 23

Segundo Hume, ideias inatas são um aspecto central da teoria do conhecimento.

Questão 24

Para Kant, todo juízo *a posteriori* é sintético, mas nem todo juízo *a priori* é analítico.

Questão 25

O imperativo hipotético kantiano é um critério para classificar a moralidade das ações humanas.

Questão 26

Na estética kantiana, juízos de gosto são desinteressados e universais.

Questão 27

Husserl baseou o método fenomenológico na *époché* e na redução eidética.

Questão 28

Heidegger acusa a tradição filosófica de diferenciar **ser** e **ente**, sendo necessária uma investigação do **sentido de ser**.

Questão 29

Sartre baseia seu existencialismo no platonismo, considerando que a essência humana precede sua existência.

Questão 30

Sartre e Heidegger fundamentam as próprias metodologias filosóficas na fenomenologia de Husserl.

Questão 31

Heidegger defende a noção medieval da verdade como adequação, sendo crítico da interpretação da verdade como desvelamento.

Questão 32

Frege, Russell e Wittgenstein são os precursores da Filosofia Analítica da Linguagem, defendendo uma análise lógica da linguagem ordinária.

Questão 33

O falsificabilismo de Popper era o modelo científico defendido pelo Círculo de Viena.

Questão 34

A teoria pictórica do significado, para Wittgenstein, implica em isomorfismo lógico entre a proposição e o correspondente estado de coisas.

Questão 35

A doutrina dos “jogos de linguagem” surge, no “primeiro Wittgenstein”, como um meio de justificar a teoria pictórica do significado.

PROVA II — LEITURA E REDAÇÃO DE TEXTO FILOSÓFICO

QUESTÕES de 36 a 70

INSTRUÇÃO:

Para cada questão, de **36** a **70**, marque na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;
F, se a proposição é falsa.

A resposta correta vale 1 (um ponto); a resposta errada vale -0,5 (*menos meio ponto*); a ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero).

Questão 36

A história do pensamento lógico iniciou-se com Aristóteles.

Questão 37

Pode-se afirmar que o que se segue é um argumento válido: se P então Q; ora não-Q; logo, não-P.

Questão 38

O objeto da lógica se manifesta por intermédio da linguagem, a saber, as proposições formuladas pelo pensamento.

Questão 39

A premissa maior, a premissa menor e a conclusão são as três proposições que constituem o silogismo, sendo o termo médio a segunda proposição.

Questão 40

A lógica se ocupa do estudo dos elementos que constituem uma proposição ou categoria, do tipo de proposição, dos silogismos e dos princípios de identidade, da não contradição e do terceiro excluído.

Questão 41

Pode-se afirmar que a ideia geral da inferência silogística é: A é verdade de B; B é verdade de C; logo A e B são verdades de C.

Questão 42

Para Aristóteles, a lógica era uma ciência teórica e produtiva, o que a constitui um instrumento para as demais ciências.

Questão 43

A verdade, no argumento dialético, é o que é reputável como verdadeiro, enquanto, no silogismo científico, é, em si mesma, verdadeira.

Questão 44

A condição de significação de um enunciado precede a condição de verdade do mesmo.

Questão 45

Parmênides acredita que o ser foi criado, embora nunca perecerá.

Questão 46

Certas afirmações de Pitágoras se desenrolam numa perspectiva mística e simbólica, dentre elas, a de que a alma é imortal, podendo mudar para outras espécies de seres animados.

Questão 47

Tales de Mileto, ao afirmar que tudo é água, formulou o que Hegel denominou de enunciado mais universal: tudo é um.

Questão 48

Segundo a filosofia de Heráclito, pode-se afirmar que a única coisa que não muda é a própria mudança.

Questão 49

A partir das ideias de Heráclito, alguns pares de contrários, como dia e noite, não formam uma unidade.

QUESTÕES de 50 a 54

[...] Supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais; corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o da espécie visível e o da espécie inteligível; e obterás, no mundo visível, segundo a sua claridade ou obscuridade relativa, uma secção, a das imagens. Chamo imagens, em primeiro lugar, às sombras; seguidamente, aos reflexos nas águas, e àqueles que se formam em todos os corpos compactos, lisos e brilhantes, e a tudo o mais que for do mesmo gênero, se estás a entender-me. Supões agora a outra secção, da qual esta era imagem, a que nos abrange a nós, seres vivos, e a todas as plantas e toda a espécie de artefatos. Acaso consentirias aceitar que o visível se divide no que é verdadeiro e no que não o é, e que, tal como a opinião está para o saber, assim está a imagem para o modelo? – Aceito perfeitamente, responde Adimanto a Sócrates. – Examina agora de que maneira se deve cortar a secção seguinte. Na parte anterior, a alma, servindo-se, como se fossem imagens, dos objetos que então eram imitados, é forçada a investigar a partir de hipóteses, sem poder caminhar para o princípio, mas para a conclusão; ao passo que, na outra parte, a que conduz ao princípio absoluto, parte da hipótese, e, dispensando as imagens que havia no outro, faz caminho só com o auxílio das ideias. [...] Era isto o que eu queria dizer com a classe do inteligível, que a alma é obrigada a servir-se de hipóteses ao procurar investigá-la, sem ir ao princípio, pois não pode elevar-se acima das hipóteses, mas utilizando como imagens os próprios originais dos quais eram feitas as imagens pelos objetos da secção inferior, pois esse também, em comparação com as sombras, eram considerados e apreciados como mais claros. Aprende então que quero dizer com o outro segmento do inteligível, daquele que o raciocínio atinge pelo poder da dialética, fazendo das hipóteses não princípios, mas hipóteses de fato, uma espécie de degraus e de pontos de apoio, para ir até aquilo que não admite hipóteses, que é o princípio de tudo, atingido o qual desce, fixando-se em todas as consequências que daí decorrem, até chegar à conclusão, sem se servir em nada de qualquer dado sensível, mas passando as ideias umas às outras, e terminando em ideias. (PLATÃO, 2010, p. 311-313).

A partir do texto e dos conhecimentos sobre a filosofia platônica, é correto afirmar:

Questão 50

Pode-se estabelecer que a verdade de uma forma geométrica como um triângulo, se encontra na figura dessa forma representada num desenho e, assim, é por meio da percepção que se chega a essa tal verdade.

Questão 51

Os objetos visíveis não existem em si mesmos e, portanto, devem ser chamados de cópias.

Questão 52

O fragmento é construído a partir do símbolo da linha que se divide em seções e subseções iguais.

Questão 53

O intelecto, ao atingir as ideias, abandona as hipóteses.

Questão 54

É da natureza da sombra ser inteligível.

QUESTÕES de 55 a 58

Que o que é seja, quando é, e o que não é não seja, quando não é, eis o que é verdadeiramente necessário. Mas isso não significa que tudo o que é deva necessariamente existir e que tudo o que não é deva necessariamente não existir; porque não é a mesma coisa dizer que todo ser, quando é, é necessariamente, e dizer, de modo absoluto, que é necessariamente. Dá-se o mesmo quanto a tudo o que não é. É a mesma distinção que se aplica às proposições contraditórias. Cada coisa, necessariamente, é ou não é, será ou não será, e, contudo, se são enfocados separadamente estes ramos da alternativa, não se pode dizer qual dos dois é necessário. Dou um exemplo. Necessariamente haverá amanhã uma batalha naval ou não haverá; mas não é necessário que haja amanhã uma batalha naval, nem necessário que não haja. Mas que haja ou que não haja amanhã uma batalha naval, eis o que é necessário. E posto que as proposições são verdadeiras enquanto

modo indeterminado e são em potência contrárias, dar-se-á necessariamente o mesmo quanto às proposições contraditórias correspondentes. É bem isso o que se passa quanto aos seres que não existem sempre ou que não são sempre não existentes. É preciso então, necessariamente, que uma das duas proposições contraditórias seja verdadeira e a outra falsa, mas não forçosamente que seja esta mais que aquela; com efeito, não importa qual e, embora uma seja verossimilmente mais verdadeira que a outra, não é, no momento, verdadeira ou falsa. Em consequência, não é evidentemente necessário que de suas proposições opostas entre si, como a afirmação e a negação, uma seja verdadeira e a outra falsa. Com efeito, não é ao modo das coisas que existem que se comporta as que, não existindo ainda, estão somente com possibilidade de ser ou de não ser, mas é do modo que acabamos de explicar. (ARISTÓTELES, 1997, p. 39-40).

A partir do texto e dos conhecimentos sobre a filosofia aristotélica, é correto afirmar:

Questão 55

Pode-se afirmar que a contradição das coisas e das proposições existe apenas em potência, ou seja, sobre o que pode vir ou não vir a ser, e não no que existe em ato, aqui e agora.

Questão 56

Segundo Aristóteles, tudo está determinado a ocorrer previamente, o que se explica por causas necessárias e suficientes.

Questão 57

A verdade, quanto aos eventos futuros, é apenas provável.

Questão 58

Só é possível afirmar que a proposição “haverá uma batalha naval amanhã” é verdadeira ou falsa retrospectivamente, ou seja, depois de ter ou não ocorrido a batalha naval.

QUESTÕES de 59 a 62

Se o futuro e o passado existem, quero saber onde estão; se não sou ainda capaz disso, sei pelo menos que, onde quer que estejam, não estão enquanto futuro, nem enquanto passado, mas enquanto presente. Porque se o futuro aí está enquanto futuro, ainda não está; se o passado aí está enquanto passado, não está mais. Onde, pois, estejam, quaisquer que sejam, só são enquanto presentes. Quando fazemos do passado narrativas verdadeiras, o que vem de nossa memória não são as próprias coisas, que cessaram de existir, mas termos concebido as imagens das coisas, as quais, atravessando nossos sentidos, gravaram em nosso espírito espécies de impressões. Minha infância, por exemplo, não está mais num passado também desaparecido; mas quando a evoco e narro, é no presente que vejo sua imagem, porque esta imagem ainda está na minha memória. A predição do futuro se faz segundo o mesmo mecanismo? Os acontecimentos que não são ainda, são representados antecipadamente em nosso espírito por imagens já existentes? Confesso, meu Deus, que o ignoro. Mas o que sei é que habitualmente premeditamos nossas ações futuras, que essa premeditação pertence ao presente, enquanto a ação premeditada não é ainda, sendo futura. Quando a tivermos empreendido, e estivermos realizando o que havíamos premeditado, então a ação existirá, porque será neste momento não mais futura, mas presente. De qualquer modo que se produza este misterioso pressentimento do futuro, só se pode ver o que é. Ora, o que é já não é futuro, mas presente. Quando se declara ver o futuro, o que se vê, não são os próprios acontecimentos, que ainda não são ou, dito de outro modo, são futuros, são causas ou talvez os sinais, mas já presentes aos videntes e é graças a eles que o futuro é concebido pelo espírito e predito. Estas concepções já existem e os que predizem o futuro as veem presentes em si mesmos. Gostaria de apelar à eloquência de um exemplo tomado dentre uma multidão de outros. Olho a aurora, anuncio o próximo nascer do sol. O que tenho sob os olhos é presente, o que anuncio é futuro: não o sol que já é, mas seu nascer que ainda não é. Contudo, se eu não tivesse uma imagem mental deste próprio nascer, como no instante em que falo, ser-me-ia impossível predizê-lo. Mas esta aurora que percebo no céu não é o nascer do sol, embora ela o preceda; também não o é a imagem que trago no meu espírito: somente ambas estão presentes, eu as vejo e assim posso dizer antecipadamente o que vai se passar. O futuro, pois ainda não é; se não é ainda, não é e se não é não pode absolutamente ser visto, mas se pode predizê-lo a partir dos sinais presentes que já são e que se vê. (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 54-55).

A partir do texto e dos conhecimentos sobre a filosofia de Santo Agostinho, é correto afirmar:

Questão 59

Segundo Santo Agostinho, é suficiente ter diante dos olhos a aurora para se predizer o nascer do sol.

Questão 60

Santo Agostinho esclarece que, tanto a predição do futuro como a lembrança do passado, pressupõem o acesso a imagens em nosso espírito.

Questão 61

É possível afirmar que o passado e o futuro não existem senão enquanto presentes, pois o passado não existe mais e o futuro ainda não é.

Questão 62

É possível, por meio do ato de recordar, reviver o passado para além da memória.

Questão 63

Para conhecer a si e ao mundo, segundo a filosofia de Descartes, é preciso começar pelo que nos oferece a experiência, de modo seguro e confiável.

Questão 64

Segundo Descartes, "existo na medida em que duvido da minha própria existência".

Questão 65

A partir das ideias de Descartes, para saber questões de minha natureza, é necessário rejeitar tudo o que acreditava saber sobre mim antes da dúvida.

Questão 66

Para Descartes, é através da união corpo e alma que o espírito se revela a si mesmo.

QUESTÕES de 67 a 70

Contestam-nos de todos os lados o direito de admitir um psiquismo inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa hipótese. Podemos responder a isso dizendo que a hipótese do inconsciente é necessária e legítima, e que possuímos múltiplas provas da existência do inconsciente. Ela é necessária, porque os dados da consciência são extremamente lacunares; tanto no homem quanto no doente, produzem frequentemente atos psíquicos que, para serem explicados, pressupõem outros atos que não se beneficiam do testemunho da consciência. Esses atos não são somente os atos falhos e os sonhos, no homem sadio, e tudo o que se chama de sintomas psíquicos e fenômenos compulsivos no doente; nossa experiência cotidiana mais pessoal põe-nos em presença de ideias que nos advém sem que conheçamos sua origem e de resultados de pensamento cuja elaboração permanece-nos escondida. Todos esses atos conscientes permanecem incoerentes e incompreensíveis, se nos obstinamos a pretender que é preciso perceber pela consciência tudo o que se passa em nós em matéria de atos psíquicos; mas se ordenam num conjunto cuja coerência se pode mostrar, se interpolamos os atos inconscientes inferidos. Ora, encontramos nesse ganho de sentido e de coerência uma razão, plenamente justificada, de ir além da experiência imediata. E se se averigua, ademais, que podemos fundar na hipótese do inconsciente uma prática coroada de sucesso, pela qual influenciamos, conforme um objetivo dado, o curso dos processos conscientes, teremos adquirido, com esse sucesso, prova incontestável da existência daquilo cuja hipótese lançamos. Devemos, pois, nos submeter à opinião de que é só a preço de uma pretensão insustentável que se pode exigir que tudo o que se produz no campo psíquico deva também ser conhecido pela consciência. (FREUD, 1997, p. 273-274).

A partir da análise do texto e dos conhecimentos sobre a teoria freudiana, é correto afirmar:

Questão 67

Sigmund Freud considerava-se filósofo, além de médico e classificou a psicanálise como uma espécie de nova filosofia, bem como uma nova terapêutica.

Questão 68

Mesmo tendo consciência da inutilidade dos fenômenos compulsivos, um doente não consegue impedir-se de praticá-los.

Questão 69

De acordo com a teoria freudiana, a consciência dá conta de explicar certos atos psíquicos, como os sonhos e os atos falhos.

Questão 70

O ato falho é uma das diversas manifestações do inconsciente que consegue romper a zona entre o que é reprimido e o que se revela, ou seja, o que é da ordem da consciência.

PROVA DE REDAÇÃO

INSTRUÇÕES:

- Escreva sua Redação com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Será atribuída a pontuação ZERO à Redação que
 - se afastar do tema proposto;
 - for apresentada em forma de verso;
 - for assinada fora do local apropriado;
 - apresentar qualquer sinal que, de alguma forma, possibilite a identificação do candidato;
 - for escrita a lápis, em parte ou na sua totalidade;
 - apresentar texto incompreensível ou letra ilegível.

Os textos a seguir devem servir como ponto de partida para a sua Redação.

I.

[...] Com algum exagero, quase se pode afirmar que *Raízes do Brasil* não está completando oitenta anos: o livro que gerações de leitores conheceram é, na verdade, de 1948.

Antes de falar no sentido dessa mudança, é preciso delinear, de forma breve, que livro afinal é este. Ensaio enxuto, com menos de 200 páginas, *Raízes do Brasil* compõe um concentrado painel interpretativo da história do Brasil, identificando certos traços fortes da formação nacional. Nos quatro primeiros capítulos, o colonizador português faz um herói ambíguo. Para Sérgio Buarque, os portugueses eram os “portadores naturais” de uma “missão histórica”: a “conquista do trópico para a civilização”. Adaptáveis às condições hostis da natureza e desprovidos de orgulho racial, eles cultivavam um espírito relaxado e aventureiro, que, com a exploração da mão de obra escrava, se provaria eficiente na América. O personalismo ibérico, de outro lado, encontrou terreno próprio na grande propriedade rural, onde a voz do proprietário e patriarca era lei. Desse caldo de cultura aquecido ao sol do Novo Mundo, emerge o tipo social que, com certa ironia, Sérgio Buarque qualifica de “contribuição brasileira para a civilização”: o homem cordial.

TEIXEIRA, J. Clássicos em mutação. **Veja**, ed. 2491, ano 49, n. 33, São Paulo: Abril, p. 84, 17 ago. 2016.

II.

Um fascinante mal-entendido tem assombrado a história cultural brasileira nas últimas oito décadas. Em 1936, ao publicar seu livro de estreia, Sérgio Buarque de Holanda teria identificado o perfil da identidade nacional: a cordialidade. No entanto, para o leitor da obra, essa associação desinibida surpreende. No fundo, *Raízes do Brasil* é um ensaio-manifesto contra a ideia de cordialidade. Sérgio Buarque desenvolveu o conceito para dar conta da formação social brasileira nos séculos nos quais o mundo agrário era dominante. Ao mesmo tempo, ele apostou suas fichas no universo urbano e industrializado, que, em tese, deveria varrer o homem cordial do mapa. No passado agrário, a família patriarcal ditava o tom das relações, forjando uma sociabilidade sujeita aos privilégios deste ou daquele grupo, em lugar de investir num projeto coletivo, corporificado na metáfora do espaço público. [...]

Em *Raízes do Brasil*, a cordialidade não é um traço exclusivamente nacional. Por isso, na imaginação crítica de Sérgio Buarque, a abolição e a urbanização condenariam o homem cordial ao museu da história do Brasil – ruína do passado agrário, a ser devidamente superada pela modernização. Esse é o sentido forte de sua resposta a Cassiano Ricardo: “O homem cordial se acha fadado a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E, às vezes, receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto”. Palavras duras, escritas em 1948, e que esclarecem o tropeço dos que veem no conceito mais uma das perversas maquinações da elite econômica para inventar uma “identidade nacional”, a fim de ocultar desigualdade e injustiças.

TEIXEIRA, J. Clássicos em mutação. **Veja**, ed. 2491, ano 49, n. 33, São Paulo: Abril, p. 86-87, 17 ago. 2016.

III.

A forma como a atual cena política brasileira se apresenta, em meio à propagação de discursos reacionários, parece colocar uma rasura nas ideias da gentileza e respeito às diferenças com as quais o brasileiro costuma ver o próprio país. Uma rasura que remete à ideia do homem cordial, forjada no livro *Raízes do Brasil* (1936), onde o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) debruça-se sobre as origens da cordialidade nacional.

Teresa Santana, historiadora que assinou o artigo *O nosso fundamentalismo* (2013), confeccionado nas barbas das manifestações de junho de 2013, as maiores desde a redemocratização nacional, fala em “momento apropriado para repensar o caráter do brasileiro”. “Afirmar que somos naturalmente tolerantes é desconhecer o machismo, a homofobia e o racismo que vigoram nos trens, ônibus e vagões lotados. No fundo, se não repensarmos nosso caráter, estaremos condenados a ser uma sociedade autista”.

REZENDE, E. O homem cordial. **Muito**, #417, Salvador, p. 15, 3 jul. 2016. Revista do Grupo A Tarde.

PROPOSTA

Com base nas ideias dos fragmentos em destaque e também nas suas próprias vivências, escreva **um texto argumentativo** em que você discuta criticamente o pensamento da historiadora Teresa Santana: “**Afirmar que somos tolerantes é desconhecer o machismo, a homofobia e o racismo. Se não repensarmos nosso caráter, seremos uma sociedade autista.**”

RASCUNHO

RASCUNHO

REFERÊNCIAS

Questões de 50 a 54

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas Maria Helena da Rocha Pereira, 12. ed. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

Questões de 55 a 58

ARISTÓTELES. **Os Filósofos através dos textos - de Platão a Satre / por um grupo de professores**.

Tradução Constança Terezinha M. César. São Paulo: Paulos, 1997.

Questões de 59 a 62

SANTO AGOSTINHO. _____. _____.
_____.

Questões de 67 a 70

FREUD. _____. _____.
_____.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAD/COORDENAÇÃO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO
Rua Dr. Augusto Viana, 33 – Canela
Cep. 40110-060 – Salvador/BA
Telefax (71) 3283-7820 – E-mail: ssoa@ufba.br
Site: www.vagasresiduais.ufba.br